

SARTRE E O EXISTENCIALISMO

Ilda Helena Marques (COFIL-FUNREI)
Orientador: Alberto Tibaji (DELAC-FUNREI)

Resumo: No livro *o que é o existencialismo*, João da Penha diz, de maneira explícita, que a repercussão da doutrina existencialista sem a presença de Sartre, teria sido menor do que realmente foi. A pessoa de Sartre foi presença decisiva no existencialismo, sendo um grande responsável pela difusão desta doutrina fora do continente europeu. Nosso trabalho gira em torno das conseqüências da idéia de que a existência precede a essência. Dentre outras, podemos citar o fato do homem tornar-se responsável por aquilo que ele é e pelos valores que ele mesmo cria.

Palavras-chave: Existencialismo. Sartre.

Abstract: In the book that is the existentialism, João da Penha says, in an explicit way, that the repercussion of the existentialist doctrine without the presence of Sartre, he would have been minor than it was really. The person of Sartre was decisive presence in the existentialism being out a great responsible person for the diffusion of this doctrine of the European continent. Our work rotates around the consequences of the idea that the existence precedes the essence. Other Dentre, can mention the man's fact he/she to become responsible for that that he is and for the values that him same it creates.

Key-words: Existentialism. Sartre.

1. O “em-si”



Segundo Sartre, não há determinismo em relação à realidade humana, isto é, somente a liberdade é determinante. O homem, numa escolha livre e situada, faz a si mesmo. Não há, portanto, uma natureza humana. É a célebre afirmação de *O Existencialismo é um humanismo*: “a existência precede a essência”.

Sartre demonstra, primeiramente, que a consciência é sempre consciência de algo, de algo que não é consciência dos objetos inseridos no mundo, mas nenhum desses objetos é a minha consciência.

O “em-si” é o mundo, o mundo das coisas materiais. O “em-si” é o ser. Ele é idêntico a si mesmo. O “em-si” se esgota em ser o que ele é, e isso de um modo tão radical que consegue escapar à própria temporalidade (Bornheim, 1971, p. 34).

Em relação à atividade, esta pertence, exclusivamente, à consciência e é somente em relação a tal atividade que o objeto poderá ser nomeado passivo. Desta forma, o “em-si” é um ser excluído da atividade e da passividade, pois estas formas humanas são eletivas ao comportamento humano.

Segundo Gerd A Bornheim, o “em-si” também está além da negação e da afirmação, pois ambas são produtos da consciência. A afirmação é afirmação de alguma coisa, permanecendo, então, além da coisa. Assim, o mesmo vale para a negação. Afirmação e negação têm como pressuposto a relação com a consciência, no entanto, o ser não conhece nenhum sentido que diga respeito à palavra “relação”. Desse modo, Bornheim (1971) cita Sartre:

O ser não é relação a si, ele é ele mesmo. É uma imanência que não se pode realizar, uma afirmação que não se afirma, uma atividade que não pode agir, porque é empastado de si mesmo (p. 34).

Percebe-se dessa forma, o sentido do que se designa como “ser-em-si”.

Como já foi falado, anteriormente, o “em-si é idêntico a si próprio. Passando o princípio de identidade a possuir um caráter ‘regional’, expressão usada por Bornheim. Desse modo, esse caráter ‘regional’ é aplicado ao “em-si”.

Sartre ressalta que o homem ao conhecer, nada acrescentará ao “em-si”, pois o ato de conhecer não é criador e desta forma não esquecerá o “em-si”.

2. O “para-si”

O ser “em-si” se contrapõe ao ser “para-si”, pois o primeiro é o “ser do fenômeno” enquanto o segundo é o “ser da consciência”. Desse modo, ambos são diferentes. Daí a afirmação: “O ‘em-si’ é incriado e atemporal, o para-si autocria-se continuamente no tempo. Enquanto que o primeiro é sempre idêntico a si pró-

prio, o segundo “não pode coincidir consigo” (Moraiva, 1985, p. 38).

Sartre, ao estudar o sujeito, ou seja, o “para-si”, o faz de maneira excepcional. O homem é o grande tema de suas obras.

Torna-se importante frisar que o “para-si” tem como seu fundamento o nada. O homem é quem introduz o não ser no mundo, é o homem que modifica as coisas, contrariamente, ao pensamento kantiano, para o qual a origem do nada se dá através da negatividade, mas de acordo com a posição heideggeriana de que é o nada que fundamenta a negação.

A função da negação varia segundo a natureza do objeto considerado (...) torna-se impossível, em qualquer caso, afastar estas negações para um nada fora do mundo porque elas estão dispersas no ser e por ele são sustentadas, sendo ainda condições da realidade (...) o nada se não for sustentado pelo ser, extingue-se enquanto nada e voltamos a cair no ser. O nada não se pode anular senão na base do ser, se do nada pode seguir o ser, tal não acontece nem antes nem depois do ser, nem, de modo geral, fora do ser, mas, no próprio seio do ser no seu centro, como um verme (Moraiva, 1985, 39).

Torna-se necessário perceber que, a princípio, o pressuposto de toda pergunta é o ser, ou seja, a afirmação. No entanto, o que ocorre é o contrário, ao enunciarmos uma pergunta ficamos cercados pelo nada, pois, se pergunto se o céu está repleto de estrelas, e constato que não, o que eu constato é um nada de estrelas. Outro exemplo, a pergunta implicada pela existência da verdade, ou seja, se digo que tais objetos são possuidores de certos atributos, defino-os como não possuidores de outras ca-

racterísticas, é o que Sartre denomina “o não-ser da limitação”.

Desta forma, como já foi afirmado antes. É o homem o centro da filosofia sartriana, pois a existência precede a essência.

4. A Existência precede a Essência

Assim, na visão sartreana, o fato da existência preceder a essência, ocorre única e exclusivamente, somente se ele é livre, ao contrário dos outros seres que são predeterminados. Somente o homem existe, as outras coisas não, elas apenas são.

Encontramo-nos perante uma nova forma de ver o mundo, na qual ocorre uma valorização do indivíduo que faz a si mesmo: “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz a si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo” (Sartre, 1987, p. 6).

Sendo assim, o próprio homem decide o seu caminho. E se o homem decidir ser herói ou covarde, ele é o único responsável por esse ato praticado:

o existencialismo afirma é que o covarde se faz covarde que o herói se faz herói; existe sempre, para o covarde, uma possibilidade de não mais ser covarde, e, para o herói, de deixar de o ser (Sartre, 1987, p. 14).

Assim, em relação ao fato da doutrina existencialista ser acusada de pessimista, Sartre defende-se dizendo ser ela a mais otimista, pois nela está inserido o destino do homem.

Na concepção sartreana não existe uma natureza humana, o homem é responsável por si, pois a existência

precede a essência.

Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva, ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade (Sartre, 1987, p. 9).

Deste modo, Sartre afirma que o existencialismo é um humanismo, e certos críticos acusam Sartre de ser incoerente. A defesa surge rapidamente e de forma simples, ao demonstrar o sentido da palavra que usou: “Humanismo, porque recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio” (Sartre, 1987, p. 21).

Enfim, o fato de Sartre afirmar que a existência precede a essência significa que, num primeiro instante, o homem existe, se descobre, aparece no mundo; e somente depois ele se define.

Contudo, contrariamente ao existencialismo, a doutrina essencialista consegue pensar o ente sem ser pensado como existente, isto é, a doutrina essencialista é uma forma de pensar que submete o ente à essência.

5. Temporalidade

Segundo Sartre, as dimensões do tempo, passado, presente e futuro devem ser compreendidas a partir de uma “síntese original”. Bornheim (1971) cita Sartre: “passado, presente e futuro são momentos estruturados de uma síntese original” (p.64).

O passado inexistente, a não ser quando existe ligação com o presente. O passado é vivido no presente. Daí a

afirmação.

O passado é marca do 'em-si'. Enquanto o homem é consciente de si mesmo, no presente, ele vive segundo o modo do "para-si", contudo, o seu passado tem todas as características do 'em-si' (Sartre, 1987, p. 10).

Dessa forma, eu vivo o passado, inserido em mim e sem cogitação de transformá-lo, pois ele "foi" e por isso "está-ali", dotado de características não modificáveis e de não variação. Mas eu não "sou" o passado, da mesma forma que eu o "era".

O presente, para Sartre, é o absoluto "para-si". O presente é a absoluta "presença" do sujeito defronte o "em-si". Tal presença, de acordo com a natureza do "para-si", constitui com separação e distinção, isto é, como negação. Sartre, citado por Moraiva:

O presente é precisamente esta negação do ser, esta evasão para fora do ser enquanto o ser está lá, tal como aquilo que se evade (Moraiva, 1985, p. 47).

E em relação ao futuro, Sartre o analisa de forma semelhante ao passado. O futuro incorpora para o "para-si" traços do "em-si", isto é, um ser imóvel imodificável e terminado. O futuro também, não está completamente "separado" do sujeito. Moraiva cita Sartre.

O futuro é o ser determinado que o para-si deve ser para lá do ser. Existe um futuro porque o para-si deve ser o seu, em vez de o ser pura e simplesmente (...). O futuro revela-se ao para-si como aquilo que o para-si ainda não e (...). Assim, o futuro sou eu próprio, do ponto de vista em que me espero como presença perante um ser para além do ser (Moraiva, 1985, p. 479).

Entretanto, o objetivo desejado pelo

sujeito não poderá ser atingindo, pois o "para-si" é dotado de negatividade, desse modo, em nenhum futuro alcançará a sua completude, voltando, assim, para um futuro possível. O "para-si", constituído de não-ser, deve viver em uma constante busca de completude.

6. Liberdade

A existência antecede e ordena a essência e toda a vontade em se delimita. A liberdade faz-se contraditória, pois a ela instaura-se como fundamento de todas as essências. Portanto, para Sartre, o único fundamento do ser é a liberdade.

O homem escolhe o que projeta ser, usando de sua liberdade. E os seus valores serão criados através da escolha por ele feita, escolha da qual não há como fugir, pois mesmo a recusa em não escolher já é uma escolha. Assim, ao escolher, nota-se com evidência a sua liberdade. "A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher" (Sartre, 1987, p. 17)

Na doutrina existencialista, a liberdade é conceituada de uma forma totalmente diferente da concepção clássica, ou seja, na concepção clássica de liberdade é compreendida com livre arbítrio. Todavia, na visão sartreana, o conceito de liberdade é diferente do simplesmente poder optar ou não por se fazer algo, ou seja, é agir com liberdade, incorporada à responsabilidade.

A liberdade, no existencialismo, possui a capacidade do sujeito encaminhar o que será de sua vida, responsabilizando-o por seus atos. No entanto, torna-se necessário ressaltar que

essa liberdade é condicionada, pois é limitada pela sociedade e suas regras, às quais devemos nos “submeter”. É devido a “essa” “submissão”, que em determinados momentos da vida, o homem entra em conflito com o meio social, em que vive, isto é, ao vivermos em sociedade deparamo-nos com fatos sociais com os quais devemos conviver, para vivermos em comunidade.

Sartre entende que o homem ao desejar a liberdade, a faz para si e para toda a humanidade, tomando tal fato de caráter universal, isto é, quando o homem escolhe faz de maneira universal. Nesse ponto pode-se fazer um paralelo com o imperativo categórico de Kant, onde o ato do indivíduo deve ter uma correspondência ética universal.

Sem dúvida, a liberdade enquanto definição do homem, não depende de outrem, mas, logo que existe um engajamento, sou forçado a querer, simultaneamente, a minha liberdade e a dos outros, não posso ter objetivo a minha liberdade a não ser que meu objetivo seja também a liberdade dos outros (Sartre, 1987, p. 199).

7. Má-fé

A má-fé da mentira, no sentido em que a má-fé não trata de um comportamento que o sujeito adota contra outro sujeito, mas sim, contra ele próprio.

O indivíduo mente para si próprio, tentando, desta forma, ludibriar as responsabilidades que lhe são pertencentes. “A má-fé é evidentemente uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento” (Sartre, 1989, p. 19).

Ao considerar que um homem se

esconde atrás de desculpas de suas paixões, que inventa um determinismo, esse homem é um sujeito dotado de má-fé. Ele se encontra representando um eterno teatro.

8. Deus

Ao colocar o homem como responsável por sua existência, Sartre afirma ser um existencialista ateu. Desse modo, conclui que não há uma natureza humana e que não há um Deus para originá-la.

Com isso, o homem torna-se responsável pela sua existência, mas não somente em relação à sua individualidade, este homem torna-se responsável também pelos outros homens. “Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira” (Sartre, 1987, p. 7). E ao sermos responsáveis por nossa existência e pela existência dos outros homens, deparamo-nos com a palavra angústia”.

A não existência de Deus na doutrina existencialista, é, a princípio, o conceito de que tudo é permitido, desse modo o homem encontra-se só, pois não pode procurar em Deus e nem no mundo nada para se segurar, tendo respaldo somente em si próprio e em sua existência.

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem (Sartre, 1987, p. 6).

Por conseguinte, encontramos solitários, condenados à liberdade. E o fato da existência de Deus faz com

que não tenhamos um paradigma, e, conseqüentemente, não existem valores que devemos seguir, valores que legalizem nosso modo de ser como correto ou não.

O ateísmo existencialista não é compreendido e aceito por outras doutrinas. Todavia, o que Sartre pretende é que o homem enxergue que, independente de Deus existir ou não, este não é o ponto fundamental, é necessário que o homem compreenda que nada poderá livrá-lo dele próprio, nem mesmo a concretude de Deus. Daí Sartre afirma:

O existencialismo não é tanto um ateísmo no sentido em que se esforçaria por demonstrar que Deus não existe. Ele declara, mais exatamente: mesmo que Deus existisse, nada mudaria, eis nosso ponto de vista. Não que acreditamos que Deus exista, mas pensamos que o problema não é de sua existência, é preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência

de Deus (Sartre, 1987, p. 22).

Conclusão

O presente trabalho propôs-se pensar a doutrina existencialista sartreana. Destacou-se a afirmação de que a existência precede a essência e que tal fato se dá somente com o homem, conseqüentemente somente ele é livre e que é a liberdade um dos conceitos mais importantes para Sartre.

O ser “em-si” e o ser “para-si” foram abordados segundo a visão sartreana, sendo que, genericamente, poder-se-ia conceituá-los como: o “em-si”, “ser do fenômeno” e o “para-si”, “ser da consciência”.

A doutrina existencialista que Sartre incorpora é a do ateísmo, na qual o homem é o responsável por sua existência. E se o homem foge dessa responsabilidade, ou seja, se ele foge de si próprio, age de “má-fé”.

Referências Bibliográficas

BORNHEIM, Gerd. A. *Sartre*. São Paulo, 1971.

MENDONÇA, Cristina Diniz. *O Ser e o Nada: uma “descoberta” filosófica dos “tempos modernos”*. São Paulo : Transformação. V. 17, p. 105-112.

MORAIVA, João da. *O que é existencialismo*. 11 ed. São Paulo : Brasiliense, 1982.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. Ed. São Paulo : Nova Cultural, 1987.